

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Letícia Germano

Problematizações sobre a Escolarização da Literatura Infantil



Porto Alegre  
2. Semestre  
2008

**Letícia Germano**

**Problematizações sobre a Escolarização da Literatura Infantil**

**Trabalho de conclusão de curso  
submetido à Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul como requisito  
parcial para a obtenção do grau de  
Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora:  
Profª. Drª. Iole Maria Faviero Trindade**

**Porto Alegre**

**2. Semestre**

**2008**

**Com amor... Ao Claudio e aos meus pais,  
Rosane e Sergio, por respeitarem as minhas  
escolhas, sem julgamentos, pelo incentivo,  
e nunca exigirem de mim mais do que eu  
possa lhes dar.**

## AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Iole Maria Faviero Trindade pela exigente e primorosa orientação de estágio e TCC, além do constante incentivo!

Àqueles professores e professoras que fazem a diferença e que, pelo belo exemplo, inspiram-me a seguir na profissão: Tânia Marques, Fernando Becker, Maria Isabel Dalla Zen, Rosa Maria Bueno Fischer (minha orientadora de IC) e Hilda Jaqueline de Fraga.

Aos colegas e amigos que colaboraram, criticaram, foram leitores de trabalhos, pela troca de materiais, idéias e pelo carinho... A Educação será melhor com vocês nas escolas: Carla Inez Lima de Freitas, Deise Fernanda Reckziegel, Francelli Montemuro Ferro, Karen Suminski Soares, Helena Maria de Marichal e Daniela Diniz Dahm.

Agradeço às colegas do NEMES, sempre incentivadoras e amigas: Lisandra Eick de Lima, Ananda Vargas, Fernanda Heberle e Fabiana Westphalen.

Às professoras-pesquisadoras Luciana Piccoli e Clarice Traversini que me possibilitaram fazer a pesquisa para o TCC nas suas turmas.

A todos da minha família que se interessaram pela minha formação, em especial, minha madrinha Solange Germano; minha sogra Magda Zanini; meu irmão João Alberto Germano; às professoras da minha família, que ainda estão na luta: Simone Colissi (também minha madrinha) e as tias Cristina Florêncio e Sonilda Germano. Obrigada!

**M**uitas vezes, certos adultos querem dar aula até no recreio, e isso as crianças sentem quando lhes oferecem histórias marcadamente educativas, repletas de bons princípios morais, mesmo que sejam pautadas por ideais modernos, como a tolerância e o respeito à natureza. Se esses princípios fizerem parte da vida do autor, provavelmente encontrarão eco em suas histórias e, por essa via, serão construídas as personagens boas e éticas com os quais elas gostam de se identificar, mas se elas farejarem que estão diante de um Cavalo de Tróia repleto de pedagogia, não terão dúvidas em incendiar o engodo. (CORSO; CORSO, 2006, p. 304)

## RESUMO

GERMANO, Letícia. **Problematizações sobre a Escolarização da Literatura Infantil**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

Esta pesquisa problematiza a escolarização da literatura infantil a partir das experiências de leitura da futura professora, estudante de Pedagogia, e das suas escolhas literárias para a prática docente. Para isso, inicialmente foi feita uma pesquisa virtual no *site* de uma livraria de Porto Alegre e um mapeamento das tendências editoriais do ano de 2008 a partir dos resumos dos livros classificados como de literatura infantil. Em seguida, foram aplicados e analisados 52 questionários escritos, com futuras professoras, estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS que já cursaram a disciplina de *Literatura e Educação* e tenham tido alguma prática de planejamento com as mini-práticas docentes previstas no atual currículo. Conto, para a análise dos materiais, com o referencial teórico dos Estudos Culturais. Parte-se da contribuição teórica de Larrosa (2007) sobre a *experiência* de leitura e de Silveira (1998) sobre o discurso renovador da leitura. Observa-se, com esta pesquisa, que há uma grande quantidade de livros de caráter *deliberadamente pedagogizantes* no mercado editorial atual e nos critérios de escolha de livros infantis das futuras professoras. Além disso, a equação “prazer – interesse – leitura – hábito – gosto” descritas por Silveira (1998) e as metáforas que Larrosa (2007) utiliza sobre os discursos pedagógicos da leitura – *viagem* e do *jogo* – estão presentes nos discursos das futuras professoras ao serem convocadas a refletir sobre a escolarização da literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Estudos Culturais. Alfabetismo literário.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>2 UM OLHAR SOB AS LENTES DOS ESTUDOS CULTURAIS .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>3 A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL .....</b>  | <b>13</b> |
| 3.1 UM MAPA DAS TENDÊNCIAS EDITORAIS DE 2008 .....   | 14        |
| <b>4 OS DISCURSOS SOBRE A LITERATURA INFANTIL .....</b>  | <b>17</b> |
| 4.1 O PROGRAMA DA DISCIPLINA DE <i>EDUCAÇÃO E LITERATURA</i> .....   | 17        |
| 4.2 A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DAS PROFESSORAS .....  | 18        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>27</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>29</b> |
| <b>LIVROS INFANTIS CONSULTADOS .....</b>   | <b>31</b> |
| <b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO .....</b>   | <b>33</b> |
| <b>APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA.....</b>  | <b>34</b> |
| <b>APÊNDICE C – “MAPA” DAS TENDÊNCIAS OBSERVADAS NO MERCADO EDITORIAL DE LIVROS INFANTIS ENTRE JANEIRO E SETEMBRO DE 2008 ..</b> | <b>37</b> |
| <b>ANEXO A - RESUMO DE LIVROS “CLÁSSICOS” USADOS NAS ESCOLAS .....</b>   | <b>38</b> |
| <b>ANEXO B - ALGUNS EXEMPLOS DE TÍTULOS DE LITERATURA INFANTIL PUBLICADA EM 2008 E OS RESUMOS .....</b>                          | <b>39</b> |
| <b>ANEXO C - TÍTULOS CITADOS NOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELAS ALUNAS DE PEDAGOGIA .....</b>                                   | <b>42</b> |
| <b>ANEXO D - A CHÁCARA DO CHICO BOLACHA, DE CECÍLIA MEIRELES .....</b>   | <b>50</b> |
| <b>ANEXO E – RESPOSTA AO <i>E-MAIL</i> QUE FAZ CRÍTICA ÀS MÚSICAS INFANTIS DO FOLCLORE BRASILEIRO .....</b>                      | <b>51</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Falar sobre *literatura infantil*<sup>1</sup> hoje é uma tarefa na qual facilmente caímos em redundância, dado o sem número de trabalhos de graduação e pós-graduação, editoras, autores, ilustradores, críticos literários que analisam e pesquisam sobre o tema. Não tenho a pretensão de fazer algo totalmente novo (se é que isso hoje é possível), mas problematizar algumas *verdades* que se diz sobre ela, algumas tendências editoriais que observo desde a minha entrada na faculdade, em 2005, e o lugar do professor ao escolarizar a literatura infantil.

Observo, mais especificamente, uma tendência de *pedagogização* de diversos artefatos culturais destinados às crianças. Assim, desenhos animados veiculados na televisão aberta e paga, peças de teatro, músicas, livros, ensinam sobre reciclagem do lixo, alimentação saudável, água, tabuada, entre tantos outros temas que *a priori*, não fariam parte, só eles, do repertório temático destes artefatos. Que a literatura educa e as diversas mídias educam, já é consenso também na educação, mas me questiono se é papel destes artefatos culturais informar conteúdos tradicionalmente escolares como os citados sob o *véu* pretensamente *prazeroso e lúdico* desses materiais.

O semestre anterior, em que fiz o estágio docente curricular, contribuiu para as minhas primeiras indagações sobre o tema. Durante o semestre, onde trocas de materiais entre as outras colegas estagiárias eram freqüentes, houve vários pedidos de dicas de livros infantis para trabalhar um determinado tema, o que reforçou o meu questionamento anterior.

Assim, pretendo aqui problematizar quais são as experiências de leitura da futura professora, estudante de Pedagogia, e a relação com as suas escolhas para a escolarização da literatura infantil. Para isso, conto com o referencial teórico dos Estudos Culturais, já que vejo que o tema necessita de contribuições de diversas áreas do conhecimento e o referencial, a partir de uma proposta *inter/trans* ou mesmo *antidisciplinar*, me permite este diálogo. Procuo, a partir dos estudos de Jorge Larrosa (2007) sobre a experiência da leitura, e de Silveira (1998) sobre o

---

<sup>1</sup> Optarei por chamar a literatura que é destinada/ feita para o público infantil de Literatura Infantil, mesmo sabendo que há críticas sobre isso, já que se não denominamos uma literatura de adulta, porque adjetivá-la quando é destinada a crianças?



discurso renovador da leitura, além de pesquisadores da linha de pesquisa dos Estudos Culturais da Faculdade de Educação da UFRGS como Trindade (2002; 2005; 2008) sobre alfabetismos e alfabetizações, dialogar com estas diversas teorizações, aliando uma pesquisa na própria faculdade com as futuras professoras.

Inicialmente, foi feita uma pesquisa virtual no *site* de uma livraria de Porto Alegre e um mapeamento das tendências editoriais do ano de 2008 a partir dos resumos dos livros classificados como de literatura infantil.

Em seguida, apliquei 52 questionários escritos com futuras professoras, estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação que já tenham cursado a disciplina de Literatura Infantil e já tenham tido alguma prática de planejamento com as mini-práticas docentes. Assim, pesquisei com as alunas do 5º. e 6º. semestre de Pedagogia as suas experiências literárias, e quais os *discursos sobre* literatura que as têm constituído.

Por fim, faço uma análise dos questionários e do mapeamento das tendências editoriais, além de propor um novo olhar sobre a escolarização da literatura infantil.

Apropriei-me, ao iniciar este estudo, de uma imagem muito interessante presente num livro<sup>2</sup>: “a câmara atrás da câmara atrás da câmara” ou o “eco atrás do eco atrás do eco”, que seria o modo como os seus personagens vêem ou escutam a realidade, o que designa uma deformação dessa realidade, o que ocorre cada vez que uma lente é sobreposta à outra. Pensando num trabalho acadêmico, sob as “lentes” de uma vertente teórica, dos discursos que o formam, essa metáfora é muito apropriada.

---

<sup>2</sup> O livro *Assombro*, com o título original *Haunted*, do autor estadunidense Chuck Palahniuk, é do gênero *terror realista*, pode ser entendido, inclusive, como uma metáfora da sociedade pós-moderna.

## 2 UM OLHAR SOB AS LENTES DOS ESTUDOS CULTURAIS

Olhar a produção literária infantil e a experiência de leitura sob as “lentes” dos Estudos Culturais é uma tarefa que requer, para uma iniciante aos estudos da área, abandonar a *lente* estável e portanto confortável do senso comum, das “verdades” ditas, das respostas que encontram soluções para tudo. O que, desse modo, torna esta tarefa inquietante e difícil. Para confortar a mim e ao/à leitor/a desse estudo, tomo emprestada a metáfora da *estrela polar* que Mezan utiliza para explicar qual é o papel da teoria numa pesquisa:

[...] a teoria funciona como a estrela polar para o navegante: fornece coordenadas para o percurso, permite alguma idéia do rumo a tomar, mas não é o alvo que se quer atingir; Colombo não queria chegar à Ursa Menor, mas às Índias – e, como muitas vezes acontece na análise, chegou à América. (1993 apud CORAZZA, 2007, p.112)

O meu objetivo para esta pesquisa não é chegar a um lugar específico, mas possibilitar ao leitor outras formas de *olhar* a literatura infantil atual, problematizando alguns aspectos. Para isso, é interessante revisar alguns conceitos sob a ótica dos Estudos Culturais, tais como: cultura, artefato cultural, representação, “virada cultural e lingüística”.

O discurso binarista de alta e baixa cultura, que de uma forma maniqueísta elegia o que uma sociedade *culta e letrada* deveria consumir, não existe para este referencial teórico. Assim não há a possibilidade de posicionar os artefatos culturais nas nossas análises acadêmicas como aqueles que servem ou não à sociedade. Os Estudos Culturais possibilitaram que produtos culturais da nossa sociedade como televisão, “música popular” e literatura não-canônica tivessem lugar nas pesquisas acadêmicas, por exemplo. Assim estudos da literatura feminista, *queer*, negra, estão em discussão nesses ambientes. No entanto, como nos alerta Cevasco (2008), pesquisadora da área de literatura e Estudos Culturais, devemos ter o cuidado para não entendermos essa celebração do “popular”, da “cultura de massas” como algo inerentemente subversivo. De acordo com ela, isso mascararia o fato de que a lógica do mercado, dos meios de comunicação de massa “molda a produção cultural e invade todos os enclaves da vida” (idem, 2008, p. 142).

Da mesma forma, a literatura infantil com o seu caráter *pedagogizante*, o que aparenta ser inerente a ela, é também problematizada nos ambientes acadêmicos, e são analisados seus textos e discursos. Assim, os livros infantis são reconhecidos como um artefato cultural e pedagógico (VIDAL, 2008), produzidos pela cultura e que têm a dimensão pedagógica de ensinar. Da mesma forma, Fischer (2002), nos seus estudos sobre educação e mídia, corrobora o papel *pedagogizante* da mídia, a partir do que ela denominou de “dispositivo pedagógico da mídia”, que permite:

[...] mostrar de que modo opera a mídia [...] no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à "educação" das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. Longe de entender unilateralmente a força da mídia, tento mostrar como estão em jogo, no processo de comunicação por meio da TV [entre outras mídias], múltiplas e complexas questões relacionadas às formas pelas quais produzimos sentidos e sujeitos na cultura. (FISCHER, 2002, p.153)

Para Trindade (2008), as discussões feitas no campo dos Estudos Culturais atingem diversos espaços, tais como: a escola, a família, a mídia, a literatura. Para a autora, este campo de estudo “permite-nos olhar as práticas de alfabetização, alfabetismo e letramento como produtoras e produzidas no interior dos discursos que as originam” (p. 112), já que extrapolam o ambiente acadêmico.

O conceito de cultura, nos Estudos Culturais, possui uma dimensão diferente daquela que facilmente reconhecemos no senso comum. Como Stuart Hall refere, a noção de cultura passou por uma “virada cultural”, uma mudança que passou a “ver a cultura como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente, provocando, assim, nos últimos anos, uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades” (HALL, 1997, p. 27). Dessa forma a linguagem, no seu sentido mais amplo, possui uma “posição privilegiada na construção e circulação do significado” (idem, p. 28). Assim, para este autor, mais que relatar os fatos, a linguagem os constitui. Sob esse olhar, vemos a literatura infantil também como produtora de sentidos, seus textos não são *dóceis* e muito menos “neutros”.

O livro de literatura infantil e seus discursos que disciplinam a infância, como nos diz Trindade (2008), é um dos tantos substitutos das cartilhas e livros

didáticos. Assim, esse produto cultural e constantemente *pedagogizado* constitui formas de vida em família, gênero, sexualidade, corpo, diferenças, meio ambiente; portanto, as escolhas editoriais não estão isentas de pretensões econômicas e ideológicas.

### 3 A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

Silveira (2000), nos seus estudos sobre a escolarização da literatura, enfatiza a conexão existente entre a literatura infantil e a sua missão pedagógica, haja vista que o próprio conceito de literatura infantil firmou-se com o conceito de infância. Hoje, os inúmeros catálogos de livros infantis das editoras enfatizam e lucram com esta relação, como nos apresenta Goulart (2000) no seu estudo sobre os discursos presentes nos catálogos. Em sua pesquisa, a autora mostra como são produzidas verdades sobre a infância e sobre a pedagogização da literatura infantil a partir dos discursos presentes nesses materiais. Nos catálogos, assim como nos planejamentos pedagógicos, é visível o lugar central que a literatura infantil ganha nas práticas de escolarização da infância, assumindo um papel de integrador de um tema específico.

As contações de histórias nas salas de aula da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental também ganharam um amplo espaço de discussão e formação, como Silveira (2007) relata na sua pesquisa com alunas de Pedagogia. Nas propostas destas atividades, há um discurso sobre a pedagogização da literatura que surgiu a partir dos anos 70, nomeado por Silveira como “discurso renovador da leitura na escola”. Onde a equação “prazer – interesse – leitura – hábito – gosto” imperava (SILVEIRA, 1998, p. 112). Ainda hoje essa equação, com destaque para o “prazer da leitura”, é o termo chave em vários materiais e catálogos sobre livros infantis.

Em breve pesquisa nos *sites* de editoras e livrarias virtuais, pode-se vislumbrar um número significativo de obras infantis com um caráter fortemente pedagogizante. Chamo assim aquelas obras que *deliberadamente* procuram formar um tipo de sujeito: aquele que respeita as “diferenças<sup>3</sup>” (*docilizando* as “deficiências”, e com isso, marcando ainda mais as diferenças), o bem alimentado, o ecologicamente correto, e o bem-comportado, por exemplo. Livros “auxiliares na alfabetização” também são freqüentes, como o livro *O menino que aprendeu a ver* (ROCHA, 1998). Há diversos livros sobre a sexualidade, que “ensinam” o que é ser

---

<sup>3</sup> Um exemplo clássico é o *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, originalmente publicado em 1986 pela editora Melhoramentos, reeditado diversas vezes e ainda muito utilizado em sala de aula. Atualmente, já está na 7ª edição pela editora Ática.

menino e menina, como somos gerados e nascemos, alguns com ilustrações inclusive equivocadas dos corpos. Apesar de temas-tabu como a sexualidade se apresentarem nos livros infantis, outros têm menos voz na literatura infantil, como *gays*, transexuais, bissexuais, o que leva à conclusão que a heteronormatividade ainda reina nos livros infantis. Em outros países, como Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, há uma crescente publicação de livros infantis com personagens *gays*<sup>4</sup>.

Outros livros desta vertente, muito comuns, são aqueles com temas já consagrados na escolarização inicial, como o tempo (as horas), datas históricas do calendário regional<sup>5</sup>, aniversário de morte ou nascimento de pessoas famosas, que viram personagens principais em suas autobiografias, datas comemorativas da história do Brasil - como exemplo, cito o livro *1808: A viagem da família real* (BARRETO, 2007) sobre a vinda de Dom João VI para o Brasil, inclusive destacando os feitos dos nossos *heróis*, como são denominados os personagens históricos. Há também livros com este caráter pedagogizante com personagens de desenhos animados da TV aberta (*Sítio do Picapau Amarelo*, por exemplo) e de TV por assinatura, tais como o *Barney*, *Backyardigans*, e personagens de filmes da *Disney*, que atualmente estão na lista dos mais vendidos nas duas maiores livrarias de Porto Alegre.

Portanto, estes são alguns dos temas comuns à vertente *deliberadamente pedagogizante* presentes nos livros infantis atualmente publicados que destaco e problematizo nesta pesquisa, facilmente reconhecida a partir de consultas à Internet.

### 3.1 UM MAPA DAS TENDÊNCIAS EDITORIAIS DE 2008

Em pesquisa virtual no *site* de uma livraria com grande acervo infantil de Porto Alegre, observei que no total de livros classificados como “literatura infantil”<sup>6</sup> e publicados durante o ano de 2008 (de janeiro até setembro), mais da metade destes livros possuem este caráter *deliberadamente pedagogizante*, termo que peguei emprestado de Silveira (2007), e que mencionei anteriormente. Não tenho a pretensão de quantificar e classificar exaustivamente as publicações de livros

<sup>4</sup> Ver matéria publicada na *Veja*, *O patinho agora é gay*, na edição de 31 de maio de 2006, em que a autora cita títulos com esta temática publicados nos Estados Unidos (*vide referências*).

<sup>5</sup> Aqui no Rio Grande do Sul, proliferam-se livros sobre a Guerra dos Farrapos, por exemplo.

<sup>6</sup> Um fator problematizador é a própria classificação que a livraria faz do que é um livro infantil (ela diferencia o livro infantil do juvenil, por exemplo), classificação esta discutível. No entanto, a breve consulta cumpre o seu papel nesta pesquisa, que é o de mostrar as tendências editoriais.

infantis, o que fugiria do objetivo deste trabalho e ao do meu referencial teórico, mas com uma breve análise dos resumos<sup>7</sup> dos livros publicados este ano pela livraria, procurei elaborar um “mapa” dos temas centrais dos livros. Assim, para mostrar o quanto o comércio de livros infantis, assim como outros produtos destinados às crianças, possui um lugar lucrativo no mercado, até setembro deste ano foram publicados por esta livraria cerca de 1.200 títulos intitulados de “literatura infantil”, excetuando-se o que a livraria classifica de literatura juvenil. Uma fatia tão lucrativa do mercado deve não só atrair as crianças, mas também os seus compradores, os adultos, como salienta Vidal (2008, p. 46).

Nos resumos dos livros analisados e que são visivelmente de cunho *pedagogizante*, termos como “este livro ensinará”, “com ele, a criança aprenderá” são freqüentes. Estes livros superam, em números, os clássicos contos de fadas e o que Vidal (2008) intitulou de os “novos contos de fadas”. Estes, sem dúvida, ensinam modos de ser e estar na nossa sociedade, porém não se enquadram no que chamo de livros de cunho *deliberadamente pedagogizante* a que me referi anteriormente.

Destes livros, a partir de uma breve e portanto instável classificação, podemos observar que a maioria são temas recorrentes nos currículos escolares:

- Ecologia: desde a conservação do meio ambiente com temas sobre o lixo e água e dos modos de vida dos animais (cadeia alimentar, por exemplo), que ensinam como deve ser o sujeito ecologicamente correto, como exemplos<sup>8</sup>, cito: *Cadê a força do leão?* (GOULART, 2008) e *A Chuva e o Lixo* (CAVALCANTI, 2008).
- Temas comportamentais: com um caráter de *auto-ajuda* para que a criança consiga lidar com os “problemas” do mundo adulto: desde livros que tentam mostrar para a criança que o ideal é dormir na sua própria cama, como o *Conversa pra pai dormir* (BRENMAN, 2008); outros que produzem significados do que é ser menino, do que é ser menina, como por exemplo *Coisas de Menina – Histórias que revelam o que é ser menina* (ZIRALDO, 2008). Todos estes têm a pretensão de “civilizar” (SILVEIRA, 2007) a criança e seus relacionamentos.

---

<sup>7</sup> Que geralmente são transcrições dos publicados nos livros infantis e elaborados pelos autores ou editores.

<sup>8</sup> Vide resumos no anexo B.

- Auxiliares na alfabetização: com um número expressivo de títulos, servem como um “reforço” ou até iniciadores da alfabetização e do sistema numérico. São exemplos: *Cada letra uma aventura* (GODINHO, 2008), *Contagem Regressiva* (WOODWARD, 2008). Exemplos clássicos ainda são muito utilizados em sala de aula, como aqueles que *trabalham* aspectos ortográficos da língua (o uso do poema *A Chácara do Chico Bolacha*, de Cecília Meireles<sup>9</sup> é um exemplo) ou mesmo consciência fonológica, como por exemplo, o livro *A Bota do Bode* (FRANÇA, 1998). *Sopa de Letrinhas* (NORONHA, 2002) e *O menino que aprendeu a ver* (ROCHA, 1998) possuem também esta característica de auxiliares na alfabetização.
- Variados temas são freqüentes: como alimentação, datas históricas do nosso estado e país como “descobrimento do Brasil”, Guerra dos Farrapos, tempo, moradias, por vezes o professor utiliza estes livros sem uma maior pesquisa sobre os temas, confiando nas informações dadas pelo autor. O título *Piá Farroupilha* (URBIM, 2005) é um exemplo recente desta temática.

Analisar, portanto, livros com esta tendência *pedagogizante* merece atenção. Trindade (2005, p.132) destaca a importância da análise dos diversos artefatos e práticas culturais que fazem parte do nosso mundo letrado, sendo os livros infantis exemplos, e enfatiza a importância de examinarmos os discursos que os constituem. Além disso, os discursos sobre a literatura infantil que estão presentes nos cursos de formação de professores – e que participarão das suas escolhas literárias na sala de aula – assim como as experiências literárias deste professor, são aspectos que exigem investigação.

---

<sup>9</sup> Vide o poema em anexo (anexo D).



## 4 OS DISCURSOS SOBRE A LITERATURA INFANTIL

Antes de explicitar como se deu a minha pesquisa sobre os discursos da literatura infantil, tanto no programa da disciplina de Educação e Literatura, quanto nos questionários respondidos por alunas de Pedagogia, cabe explicar o conceito de discurso que me apropriei neste estudo. Vários estudiosos de Foucault (tais como Veiga-Netto; Fischer; citando exemplos desta Faculdade de Educação) fizeram reflexões sobre o tema nos seus estudos. Fischer (2001) relata que Foucault desde os seus primeiros trabalhos preocupou-se com o conceito de discurso. Para Foucault, havia a necessidade de:

[...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p.56)

Assim, não descobrimos “verdades ocultas”, algo que “esteja por trás” quando analisamos os artefatos culturais e os seus discursos, e sim, o que se descortina a nossa frente.

### 4.1 O PROGRAMA DA DISCIPLINA DE *EDUCAÇÃO E LITERATURA*

Analisei a súmula e o programa da disciplina de *Educação e Literatura* cursada pelas alunas que responderam ao questionário sobre literatura e experiência literária que elaborei<sup>10</sup>. O programa da disciplina de 2006, cursada no 3º semestre do curso pelos alunos/as, já em sua súmula destaca o papel didático da leitura ficcional na escola, o de “formar leitores”, reforçando a formação do professor como um contador de histórias. Esse modo de *fazer literatura* na escola é recorrente hoje nos discursos pedagógicos, como nos mostra Silveira (2007). Em sua pesquisa, há todo um mercado “cultural” de formação de contadores de histórias, tais como:

---

<sup>10</sup> Minha análise sobre eles encontra-se na seção 4.2.

cursos de formação, livros técnicos sobre o assunto, oficinas para elaboração de recursos que auxiliem o professor através de várias “técnicas” (fantoques, varais, aventais de histórias, confecção dos personagens da história através de bonecos, cartazes). Em breve pesquisa no *Google*<sup>11</sup> encontrei 307.000 páginas em português com a expressão “contação de histórias”, apareceram páginas de cursos de formação de professores, de escolas que utilizam esta estratégia e livros sobre o tema, entre outros.

O plano de aula de *Educação e Literatura*, fornecido pelo Departamento de Controle e Registro Acadêmico (DECORDI) da UFRGS, é o documento orientador para o professor da disciplina, englobando a súmula, os objetivos e o programa que fazem parte desta disciplina desde 1995 até 2008. Nele, os termos da equação já citada “prazer – interesse – leitura – hábito – gosto” estão presentes. No conteúdo programático, por exemplo, são trabalhados “o estímulo à leitura e a democratização da escola”, “descomplicando o ensino de literatura”, “papel da escola na formação literária”, “o objeto-livro: o que perceber, o que discutir”, “como contar histórias”.

Já o plano da disciplina fornecido às alunas com quem fiz a pesquisa mostra professoras inseridas em outro discurso, com outra proposta de formação do docente. No seu programa também são propostas análises dos discursos não-verbais, as diferentes linguagens presentes no texto literário, a literatura em outros portadores de texto (filmes e música). Ao mesmo tempo, o professor contador de histórias, que desencadeia o “gosto” pelas obras permanece.

#### 4.2 A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DAS PROFESSORAS

Ao apresentar e analisar os questionários realizados com futuras professoras, informo ao leitor/a desta pesquisa que ele é aqui visto como um “evento discursivo complexo” (SILVEIRA, 2007, p. 118), assim como as entrevistas, e por isso, incerto, inacabado, instável, reconhecido, portanto, como:

[...] um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a “quer saber algo”, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor,

<sup>11</sup> Do dia 22 de setembro de 2008.

e sim personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes. (*idem*, p. 137)

Considerando, como pondera Trindade (2008), que mesmo as entrevistas ditas “abertas” produzem “representações de determinados discursos” (p. 115), no caso desse estudo, sobre a experiência literária; e o tempo restrito para a pesquisa de campo, optei por aplicar o questionário (Anexo B) a estudantes de Pedagogia, futuras professoras da escolarização inicial, do 5º e 6º semestres do curso. A escolha se deu por dois motivos: pelas alunas nesta etapa do curso já terem cursado a disciplina *Literatura e Educação*, e pela prática de planejamento proporcionadas pelas *mini-práticas docentes*<sup>12</sup> que ocorrem nestes semestres do currículo, com crianças entre 4 e 10 anos de idade<sup>13</sup>. A aplicação do questionário ocorreu na semana posterior a essa prática e examina quais os critérios de escolha de livros de literatura infantil que foram utilizados para a realização de tal mini-prática docente, assim como as vivências de leitura da futura professora.

Foram 52 questionários analisados. A seguir, apresento o perfil das alunas entrevistadas<sup>14</sup>:

- 51 alunas e apenas um aluno;
- Para oito entrevistadas, a Pedagogia não é o primeiro curso: algumas já são formadas ou abandonaram outro curso. O restante das alunas, para o qual a Pedagogia é o seu primeiro curso, (a maioria) saiu do ensino médio e entrou direto na faculdade;
- 20 são alunas do 5º semestre e 32 do 6º semestre;
- 10 alunas, que possuem magistério ou outra licenciatura, são professoras titulares concursadas ou contratadas. Pouco mais da metade das alunas ainda não professoras fazem estágio em escolas ou são bolsistas de Iniciação Científica ou de Extensão;

<sup>12</sup> Ocorrem em dois momentos: primeiramente, uma semana de observação e, após cerca de um mês, uma mini-prática com regência compartilhada com a professora titular, de mesma duração.

<sup>13</sup> No 5º semestre, com crianças entre 4 e 7 anos e, no 6º semestre, com crianças entre 6 e 10 anos. Há, no 6º semestre, a possibilidade da prática ocorrer com turmas de EJA.

<sup>14</sup> Uso os termos no *feminino* devido à predominância de *alunas* na pesquisa.

- A maioria (40 alunas) pretende trabalhar em escolas depois de formadas, seja em sala de aula ou em cargos de gestão escolar;
- Somente sete das alunas entrevistadas disseram não ter utilizado livros de literatura infantil na mini-prática docente. Foram citados 50 diferentes títulos, entre as 45 alunas que adotaram alguns livros de literatura infantil na sua aula.

### **A pedagogização da literatura infantil na mini-prática docente**

Localizei, nas respostas das alunas, três categorias referentes ao critério de escolha dos livros infantis: aqueles que motivem ou iniciem outros *conteúdos* escolares, não contemplando diretamente um tema; livros que incentivem a imaginação dos alunos, independente de autores ou temas; e livros que desenvolvam ou complementem um assunto trabalhado em aula<sup>15</sup>.

Dentre este último critério de escolha dos livros infantis, de uso *deliberadamente pedagogizante*<sup>16</sup>, identifiquei cinco temáticas predominantes: *infância e direitos das crianças*; *ecologia* e temas derivados como poluição, reciclagem do lixo; *cuidados com o corpo humano*; *as diferenças e os diferentes*; livros auxiliares na alfabetização<sup>17</sup>.

O uso expressivo de livros com a temática *infância* e seus *direitos* se deveu à mini-prática acontecer na semana que precedia o dia das crianças; e a escolha em grande parte ocorreu a partir da motivação da professora titular, que indicava ou sugeria o tema a ser desenvolvido durante a prática. Assim, o livro: *Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha* (ROCHA, 2002) foi usado por nove alunas em suas práticas. *Serafina e a criança que trabalha* (AZEVEDO; HUZAK; PORTO, 2005) e *Mais respeito, eu sou criança* (BANDEIRA, 2002), também com reflexões sobre o que é ser criança, foram bastante usados. Eis alguns dos comentários sobre a escolha dos livros com a temática *infância*:

**M., 20 anos:** Retirei do livro alguns trechos para que a partir destes surgissem algumas reflexões a respeito do tema. Eu o escolhi devido à semana do Dia das Crianças e o meu foco de trabalho, que foi em cima dos direitos das crianças.

<sup>15</sup> Mais de 80% das entrevistadas responderam desta forma.

<sup>16</sup> No apêndice C ilustro este mapeamento e as categorias identificadas.

<sup>17</sup> No anexo C está a lista dos livros citados pelas alunas na pesquisa e seus resumos, tendo sido esses retirados de *sítes* de livrarias que comercializam os livros pela Internet.

**C., 24 anos:** Minha prática girou em torno deste tema, no sentido de propor uma apropriação crítica sobre o que é ser criança.

**C., 19 anos:** é um livro bastante interessante, escrito em poesias, que trata o que é ser criança partindo de seus direitos.

Para algumas alunas, houve a preocupação em usar livros infantis que se adequassem ao seu projeto relacionado à *ecologia*. Assim, usaram livros que de alguma forma contemplassem temas relacionados ao meio ambiente, poluição, reciclagem. Por exemplo, o livro *Azul e lindo: planeta Terra nossa casa* (ROCHA, 2004) foi escolhido “por ser de uma autora conhecida, e porque falava sobre o meio ambiente, que era o tema da minha mini-prática” (M., 21 anos); *A Gota Borradeira* (BARBOSA; SANTOS, 1999) foi usado com o mesmo objetivo pela aluna P. (22 anos) já que “este livro conta a história de uma gota d’água que vai parar no esgoto”.

A aluna M. (22 anos) explicou que utilizara *Lixo que não é lixo* (BARRETO, s.d), pois sua temática era sobre construção e usos do jornal. Houve também uma preocupação da aluna por ter tido dificuldades em encontrar “livros de literatura infantil sobre reciclável” (materiais recicláveis). Fica evidente, ao ler o depoimento da aluna, o quanto o livro infantil é usado como subsídio para trabalhar um determinado tema, muitas vezes servindo como única referência sobre o assunto; a aluna não procurou encontrar textos em livros didáticos, em sites especializados, vídeos ou revistas científicas que refletissem sobre o tema da reciclagem.

As temáticas *cuidados com o corpo humano* e a *alimentação* também foram buscadas em livros infantis. A aluna J. (21 anos), por exemplo, usou os livros *Rolin*, sobre a história de um umbigo, e *Joelho Juvenal* (ZIRALDO, 2001), e justificou a sua escolha pela solicitação da escola de que ela trabalhasse o corpo humano, observando que “tais livros falam de duas partes do corpo humano que geralmente não são trabalhadas pelos livros didáticos, dando desta forma viés para se explorar mais partes do corpo”.

Em tempos de reflexões sobre a “inclusão” de alunos com necessidades especiais, da aceitação das diferenças *étnicas* e *raciais*, das discussões sobre as *diferenças e os diferentes* da sociedade, algumas alunas escolheram livros com essas temáticas. *Um mundinho para todos* (BELLINGHAUSEN, 2006), por exemplo, livro em *braille* e português foi usado “por trabalhar com a diversidade, um assunto que está evidente hoje em dia e por sua relevância no contexto atual” (F., 20 anos); nesse caso, o livro serviu como motivador para uma reflexão sobre as *diferenças*.

Algumas das entrevistadas usam livros infantis como auxiliares na alfabetização, para trabalhar aspectos ortográficos e consciência fonológica, por exemplo. Essa função fica evidente na explicação do porquê da escolha de alguns títulos: “escolhi este livro<sup>18</sup> pois trabalha com a temática dos animais (a importância de viverem livres – tema que a turma já vinha trabalhando) e ainda porque queria trabalhar com alfabetização e o livro apresenta algumas figuras no meio do texto ao invés das palavras, então achei que seria interessante” (J., 21 anos). Para a aluna C. (20 anos), ao responder qual a importância da literatura infantil na sala de aula, diz: “é muito grande, principalmente por ser uma turma de alfabetização. Ao lerem, as crianças se apropriam das narrativas, visualizam a escrita das palavras, além de todo o processo de letramento”.

Ao contrário dos livros citados acima, outros livros não tratam diretamente do assunto escolhido pela aluna, servindo como motivador para o tema, que provavelmente será pesquisado em outras fontes. Este é o caso do livro *Cocô de Passarinho* (FURNARI, 1998), usado pela aluna J. (39 anos) que explicou ter preferido esse livro porque o considerou “ideal para iniciar o tema a ser desenvolvido na semana de prática, a germinação das plantas. A história é muito interessante, propícia para a faixa etária e apresenta muitas possibilidades de outros temas a serem desenvolvidos”.

### **A metáfora da leitura como viagem e jogo**

Larrosa (2007), em seus estudos sobre os discursos pedagógicos sobre a leitura, faz uso de algumas metáforas para explicar a *experiência da leitura*. Mesmo não sendo o seu objetivo refletir sobre a leitura de livros infantis, aproprio-me aqui de algumas reflexões do autor sobre a leitura, relacionando-a com a literatura infantil.

A metáfora da leitura como *viagem* e a metáfora do *jogo* foram as que mais apareceram nas respostas das alunas entrevistadas, o que é evidente nos discursos sobre literatura infantil presente nos livros técnicos e mesmo nos cursos e oficinas pedagógicas. Para o autor, na metáfora da *viagem* “ler é como viajar, como seguir um itinerário através de um universo de signos [...] por uma viagem que converte o viajante em outro, diferente daquele que havia partido” (LARROSA, 2007, p. 149).

---

<sup>18</sup> *Rita sapeca e a lição de casa* (SCHMURL, 2006).

Ao questionar as alunas sobre a importância da literatura infantil na sala de aula, esta imagem apareceu em várias respostas: “É importante para trabalhar a leitura, interpretação, criatividade, imaginação e jogo simbólico. Além de oferecer o prazer de viajar por outros mundos, reais ou de faz de conta” (R., 27 anos). Para J. (33 anos) ler é “abrir-se a novos mundos, é viajar sem sair do lugar”.

Larrosa pensa a experiência da leitura como algo que transcende ao texto, é a relação que temos com ele. Portanto, ela não seria um passatempo e também não apenas um meio de conseguir conhecimento. De acordo com o autor, a leitura (da literatura, no caso) é uma maneira de “afirmar a potência formativa e transformativa (produtiva) da imaginação” (LARROSA, 2007, p. 132), ou seja, ele entende que a imaginação transforma e produz a realidade.

A metáfora da leitura como *jogo* sugere que a leitura seja também prazer. De acordo com o autor, “ler é como jogar, como entregar-se a uma atividade mais ou menos regrada da qual se pode obter um certo benefício, prazeroso e cognoscitivo” (idem). O termo “prazer” foi relacionado à leitura de livros infantis pela maioria das alunas entrevistadas e para elas, é imprescindível que, para tornar uma criança leitora (e continuar um leitor, no futuro), o livro deva proporcionar *prazer*, e não uma sensação de obrigação.

### **As experiências de leitura da futura professora**

Perguntei às alunas, numa das seções do questionário, sobre quais são as suas leituras hoje e se consideram-se leitoras literárias, isto é, de obras ficcionais. Meu objetivo era verificar se as mesmas alunas que foram escolarizadas numa época de grande valorização do livro infantil (décadas de 80 e 90), de fácil acesso ao livro, onde a “formação do leitor” era uma das pretensões da escolarização, tornaram-se leitoras de obras literárias. Também não tenho o propósito de colocar o livro num pedestal, o da “grande arte”, nem julgar aquelas que não lêem obras literárias. A finalidade é constatar se as mesmas futuras professoras que na seção anterior do questionário enalteceram o uso escolar do livro infantil ficcional, pelo prazer, transformações e experiências que pode proporcionar, lêem este tipo de livro.

Cerca de um terço das alunas entrevistadas se dizem “leitoras literárias” eventuais, já que durante o semestre letivo é difícil conciliar este tipo de leitura com

as exigidas pela faculdade. O livro, para estas alunas, é algo que lhes dá prazer, que é buscado em períodos ociosos, durante as férias escolares (*versus* a obrigação das leituras da faculdade), diferentemente daquilo que Larrosa propõe: a leitura como formação, como possibilidade de transformação daquilo que somos. Da mesma forma, Silveira (2008) questiona esta relação da leitura como prazer. Afinal, podemos obter prazer através de outras formas de leitura, não apenas com as obras ficcionais, e tampouco a leitura é uma tarefa simples, que não demanda esforço intelectual e paciência.

Algumas perguntas surgem ao problematizar o uso *deliberadamente pedagogizante* do livro infantil: “como não disciplinar (ou *didatizar*) o livro infantil, que é tarefa inerente à escola e ao professor?” Se a escola, assim como o livro infantil, surgiu com o objetivo de *didatizar*, que problema isso traz a nós, professoras, e que reflexões suscitam? No entanto, ao observar o uso recorrente do livro infantil, um artefato cultural, como complemento ou apoio para ensinar determinados *temas* (eleitos como) *escolares*, decidi lançar um olhar mais atento e problematizador aos usos do livro infantil na escola. Por vezes, tais livros são utilizados como única ferramenta de consulta do professor sobre um determinado tema, além de parecer que este uso acarreta um cerceamento da fantasia, da imaginação, da experiência de leitura como transformação.

Além disso, durante o estágio docente, observei que a busca das crianças na biblioteca, no nosso “canto de leitura”, era por obras de ficção, livres de influências declaradamente *pedagogizantes*. Isto ocorreu não apenas nos livros infantis, uma vez que houve um momento do estágio em que fomos convidados a ir numa apresentação teatral na Assembléia Legislativa intitulada “*Cadê o lixo que tava aqui?*”, e duas alunas deixaram de ir por ser “muito chato ir ao teatro para aprender sobre o lixo”; elas já haviam estudado o tema no ano anterior e também já haviam assistido a uma peça na própria escola sobre a reciclagem do lixo. Desenhos animados, músicas, filmes, parecem cada vez mais tentar ensinar algo, algum “conteúdo”, princípios morais (adotados/aceitos pelo adulto) diretamente à criança.

É difícil para o professor fugir dessa postura pedagogizante dos livros, já que, como expus anteriormente, o mercado editorial dos livros infantis está repleto deste tipo de livros. O adulto vê, com livros assim, a possibilidade da criança aprender a agir “corretamente” nas diversas situações, a cuidar do meio ambiente, a aceitar o irmãozinho que logo nascerá, a não esquecer de escovar os dentes antes



de dormir, a de se alimentar corretamente, entre outras visões preocupantes e distorcidas do universo infantil.

No ano passado, proliferou certo *e-mail* com uma mensagem de uma dita babá brasileira que trabalha nos Estados Unidos. Ao cantar músicas do folclore brasileiro para a criança de quem cuida, ela observou que as músicas tinham uma letra ameaçadora, como *Boi da cara preta*; ou que maltratassem os animais, como em *Atirei o pau no gato*. Claro que a babá em questão não reconhece o folclore como constitutivo da nossa identidade cultural. É interessante a postura didatizante muito presente nas músicas, assim como nos contos de fadas, que fazem do lobo-mau um ser ecologicamente correto, por exemplo. A professora de música Leda Maffioletti, da Faculdade de Educação, respondeu ao *e-mail* de forma questionadora, dando um retrato interessante e problematizador das músicas do nosso folclore (Anexo E) e podemos relacionar sua análise com as histórias infantis.

O sambista e também escritor de livros infantis, Martinho da Vila, lançou neste ano o livro infantil *Rosa Vermelha e o Cravo Branco* (VILA, 2008), que faz justamente o que a professora de música criticou. O livro conta a história de uma menina que tem o sono embalado pelas cantigas cantadas por seus pais, só que o autor modifica as letras de algumas delas: o Boi da Cara Preta torna-se: “Boi, boi, boi, boi da Cara Preta/ A minha filhinha/ Não tem medo de careta”. A Dona Chica também não fica mais admirada com o berro do gato. Para o escritor, essa letra era maldosa. Portanto, ele alterou para: “Não atire o pau no ga-to-tô/ Porque o ga-to-tô vai sofrer, frer-frer/ Dona Chi-ca-cá foi quem dis-ses-ssê/ E falou que o gato era seu/Miau”.

Para os psicanalistas Diana Corso e Mario Corso (2006), ao tentar fugir da postura da racionalidade no mundo ficcional<sup>19</sup>, não quer dizer que manteremos as crianças num mundo fantasioso e alienado. De acordo com eles, ocorre o contrário, já que as crianças adoram opinar:

[...] questionam leis, regras, e o tema dos limites é motivo de constante polêmica, da qual elas participam ativamente. Isso é fruto de uma educação familiar e escolar que incentiva a curiosidade, a criatividade e a capacidade de questionar, na qual também acreditamos. Prova disso é que não faltam personagens genuinamente irreverentes para ilustrar essas qualidades que hoje consideramos desejáveis. Porém, quando se trata de ficção, os

---

<sup>19</sup> Assim como nas músicas, peças de teatro e desenhos animados.

propósitos racionais têm de ficar em segundo plano, pois se fala desde outro lugar e, na melhor das hipóteses, estaremos no território da arte. Literatura, cinema e teatro podem até questionar ou defender ideais, mas isso será um efeito colateral benéfico de sua função mais importante, a de nos fornecer boas histórias. (CORSO; CORSO, 2006, p. 304)

Uma das possibilidades seria pensar o livro como algo que não dê tudo pronto à criança, que a permita “preencher lacunas”. Abbas Kiarostami, famoso cineasta iraniano, e também poeta e fotógrafo, utiliza uma metáfora muito interessante ao falar de seus filmes [muitos deles com temáticas da infância] e que pode se estender também à literatura:

[...] não deixo espaços em branco apenas para que as pessoas tenham algo para completar. Deixo-os em branco para que as pessoas possam preenchê-los de acordo com o que pensam e querem [...] minha maneira de enquadrar a ação obriga os espectadores a manterem-se mais direitos e a esticar o pescoço para tentar enxergar aquilo que eu não mostro!” (KIAROSTAMI, 2004, p. 184).

Durante o meu estágio docente, fiz uso de muitos livros infantis, foi o *carro-chefe* da minha prática; inclusive, no início, utilizei alguns com caráter *pedagogizante*. Observei que esse tipo de obra não seduzia os alunos, não os fazia pedir para continuar a leitura, pois não possibilitava este preenchimento dos “espaços em branco” da história. Isso fez com que eu repensasse as minhas escolhas, o que suscitou outras dúvidas e questionamentos que evidenciei neste trabalho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema que problematizei neste trabalho – o uso deliberadamente pedagogizante dos livros infantis – deu-se principalmente pelos questionamentos aflorados na minha prática docente, ocorrida no primeiro semestre deste ano, com uma turma da 3ª. série do Ensino Fundamental. Na prática, utilizei muitos livros infantis, desde leituras em aula como na biblioteca. Havia um “canto de leitura” na sala de aula, com diversos livros infantis, que no início foi preenchido com livros do meu acervo pessoal; no decorrer do semestre, os alunos começaram também a levar os seus livros, e funcionava como uma mini-biblioteca, já que eles faziam empréstimo dos livros. Pelas escolhas feitas pelos alunos tanto na sala de aula quanto na biblioteca, e os trabalhos que fizemos com os livros infantis, observei uma fuga, pelos alunos, dos livros *declaradamente pedagogizantes*.

A pesquisa corroborou as minhas primeiras observações, já que há uma grande quantidade de livros de caráter *deliberadamente pedagogizante* no mercado editorial atual e nos critérios de escolha de livros infantis das futuras professoras. Além disso, a equação “prazer – interesse – leitura – hábito – gosto” percebida por Silveira (1998) e as metáforas que Larrosa (2007) utiliza sobre os discursos pedagógicos da leitura – *viagem e jogo* – estão presentes nos discursos das futuras professoras convocadas a refletir sobre a escolarização da literatura infantil.

O meu intuito, com este trabalho, não foi o de oferecer uma *receita* ao/à professor/a de como trabalhar com o livro infantil na sala de aula. Pretendo com ele, na verdade, problematizar, fazê-lo/a pensar a escolha de livros infantis e seu uso escolar de outras formas, ou pelo menos questionar-se na próxima vez que escolher um livro ao planejar a sua aula.

Aliando as observações durante o estágio a uma análise do mercado editorial de livros infantis e à pesquisa com as futuras professoras, obtive um rico material de análise. Assim, acabei por modificar muito do que pensava sobre a escolarização do livro infantil, ao ter um olhar mais *problematizador* sobre a escolarização dos artefatos culturais – olhar este, diferenciado, proporcionado pelos Estudos Culturais.

Mais do que dar respostas, esta pesquisa provocou em mim um sentimento de inacabamento, a necessidade de maiores estudos sobre o tema, já que, pela restrição de tempo destinado à pesquisa de final de curso, nem todas as principais

leituras relacionadas ao tema foram feitas e nem todos os dados coletados puderam ser abordados e examinados. Desta forma, vejo num estudo futuro de pós-graduação a possibilidade de um maior aprofundamento teórico sobre o tema, assim como a ampliação do seu *corpus* de análise.

## REFERÊNCIAS

- CEVASCO, Maria Elisa. Estudos Literários X Estudos Culturais. In: \_\_\_\_\_. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008. p. 138-154.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa (org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 103-127.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In: **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas). São Paulo (SP), v.114, p. 197-223, 2001.
- \_\_\_\_\_. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, 2002, p.151-162. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151797022002000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022002000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 set. 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- GOULART, Maria Alice Hamilton. **O prazer como imperativo, a literatura como meio, os corpos doces como fim: o micropoder dos catálogos de livros infantis**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura. Notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS, v. 22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- KIAROSTAMI, Abbas. **Abbas Kiarostami: duas ou três coisas que sei de mim**. São Paulo: Cosac Naify; Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, 2004.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. P. 95-146.
- \_\_\_\_\_. Literatura, experiência e formação. Entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, Marisa (org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 129-156.

MAXIMILIANO, Adriana. O patinho agora é gay. In: **Revista Veja Online**. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/310506/p\\_116.html](http://veja.abril.com.br/310506/p_116.html)>. Acesso em 20 set. 2008.

PALAHNIUK, Chuck. **Assombro** (tradução de Paulo Reis). Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, Marisa (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. Cap. 6, p. 105-128.

\_\_\_\_\_. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000. p. 175-204.

\_\_\_\_\_. A entrevista na pesquisa em educação – Uma arena de significados. In: COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. Cap. 6, p. 117-138.

\_\_\_\_\_. Flagrantes de contações de história em espaços educativos gaúchos. In: **16º. Congresso de Leitura do Brasil**, 2007, Campinas. Anais do 16º COLE. Campinas : Associação de Leitura do Brasil, 2007. v. 1. p. 1-9. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss07\\_05.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss07_05.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2008.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. Alfabetizadoras de papel. In: SILVEIRA, R. H (Org.). **Professoras que as histórias nos contam**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.109-133.

\_\_\_\_\_. Um olhar dos Estudos Culturais sobre artefatos e práticas sociais e escolares de alfabetização e alfabetismo. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Múltiplos alfabetismos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p.123-133.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Múltiplas alfabetizações e alfabetismos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

VIDAL, Fernanda Fornari. **Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas: os “novos contos de fadas” ensinando sobre infâncias e relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2008.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

## LIVROS INFANTIS CONSULTADOS

AZEVEDO, Jô; HUSAK, Iolanda; PORTO, Cristina. **Serafina e a criança que trabalha**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BANDEIRA, Pedro. **Mais respeito, eu sou criança**. 2. ed. Ilust. Odilon Moraes. São Paulo: Moderna Editora, 2002.

BARBOSA, Nair; SANTOS, Geraldo. **A Gota Borradeira**. São Paulo: Editora Saraiva/SABESP, 1999.

BARRETO, Gilson. **1808: A viagem da família real**. Ilust. Alexandre Cartianu. São Paulo: Caramelo, 2007.

BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **Um mundinho para todos**. São Paulo: DCL, 2006.

BRENMAN, Ilan. **Conversa pra pai dormir**. Ilust. Elizabeth Teixeira. São Paulo: Girafinha, 2008.

CAVALCANTI, Emmanuel. **A Chuva e o lixo**. Ilust. Bia Salgueiro. Rio de Janeiro: Zit Editora, 2008.

FRANÇA, Mary. **A bota do bode**. 16ª ed. Ilust. Eliardo França. São Paulo: Ática, 1998.

FURNARI, Eva. **Cocô de Passarinho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

GODINHO, Marilene. **Cada letra uma aventura**. Ilust. Alberto Pinto. Juiz de Fora, Minas Gerais: Franco Editora, 2008.

GOULART, Alcides. **Cadê a força do leão?** Rio de Janeiro: Editora Jovem, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. 7. ed. Ilust. Claudius. São Paulo: Ática, 2005.

NORONHA, Teresa. **Sopa de letrinhas**. 10. ed. Ilust. Rubens Villaça. São Paulo: Moderna, 1990.

ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver**. Ilust. Walter Ono. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha.** Ilust. Eduardo Rocha. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Azul e lindo: planeta Terra nossa casa.** São Paulo: Salamandra, 2004.

ROCHA, Ruth; Roth, Otávio. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 15. ed. São Paulo: Salamandra, 2004.

SCHMURL. **Rita Sapeca e a Lição de Casa.** São Paulo: Larousse/Escala, 2006.

URBIM, Carlos. **Piá Farroupilha.** Ilust. Rodrigo Rosa. Porto Alegre: Zero Hora, 2005.

VILA, Martinho da. **Rosa Vermelha e o Cravo Branco.** São Paulo: Lazuli, 2008.

WOODWARD, Kay. **Contagem regressiva.** Ilust. Ofra Amit. São Paulo: Girafinha, 2008.

ZIRALDO. **O joelho Juvenal.** São Paulo: Melhoramentos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Rolim.** 25. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Coisas de menina:** histórias que revelam o que é ser menina. São Paulo: Editora Globo, 2008.



## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PROJETO DE PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:**

Problematizações sobre a Escolarização da Literatura Infantil

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Letícia Germano

**ORIENTADORA:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Iole Maria Faviero Trindade

### **Descrição sucinta do projeto:**

A proposta desta pesquisa consiste em investigar a experiência literária do(a) futuro(a) professor(a), estudante de Licenciatura em Pedagogia e os seus discursos sobre o papel da literatura infantil na sala de aula. Para isso, um dos objetivos será levantar, por meio de questionário escrito especialmente preparado para tal, tópicos das experiências de estudantes de Pedagogia da UFRGS com a leitura literária.

### **Termo de Consentimento Informado**

Eu,

---

RG \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa “Problematizações sobre a Escolarização da Literatura Infantil”, parte integrante do trabalho de conclusão de curso da aluna de Pedagogia, Letícia Germano, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Iole Maria Faviero Trindade. Como depoente, autorizo o uso dos dados do questionário escrito, desde que minha identidade seja preservada.

---

Assinatura do(a) participante

### **Contatos com a aluna responsável:**

Fone: 3231-5680

E-mail: leticiagermano@yahoo.com.br

## APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA

### PROJETO DE PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - LICENCIATURA EM PEDAGOGIA -

**Atenção:** por favor, tente não deixar nenhuma resposta em branco. Não preocupe-se com a resposta, todas serão de extrema importância para as futuras análises. Qualquer dúvida, pergunte à pesquisadora. Obrigada.

Aluna pesquisadora: Letícia Germano  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iole Maria Faviero Trindade  
Temática: Literatura Infantil  
Contato: [leticiagermano@yahoo.com.br](mailto:leticiagermano@yahoo.com.br) e (51) 3231-5680

#### I. SEUS DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_ 3. Sexo: F ( ) M ( )

4. A Pedagogia é o seu primeiro curso de graduação?

( ) Sim

( ) Não. Concluí outro. Curso: \_\_\_\_\_

( ) Não. Abandonei outro. Curso: \_\_\_\_\_

#### II. VOCÊ, PROFESSOR(A):

1. Já cursou a disciplina de Literatura e Educação, presente no 3º. Semestre do currículo de Pedagogia atual? **Sim ( ) Não ( )**

2. Já trabalha como professor(a)? Em qual ano/série/ano-ciclo?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Faz estágio extracurricular em escola? Qual a sua função?

**Sim ( ) Função:** \_\_\_\_\_.

**Não. Trabalho/faço estágio em outra área ( )**

**Não. Sou bolsista de Iniciação Científica ou de Extensão ( )**

**Não. Outro ( )**

4. Após formado(a) pretende trabalhar (ou continuar) em sala de aula/ em outra atividade na escola?

**Sim. Na sala de aula ( )**

**Sim. Função:** \_\_\_\_\_ ( )

**Não ( )**

5. Sobre a sua prática em sala de aula (ou a mini-prática da disciplina de Seminário VI deste semestre), utilizou livros de literatura infantil em sua prática? **Sim ( ) Não ( )**

6. Cite o/os livros que utilizou (ou que utilizaria) na prática deste semestre (preferencialmente cite o título e autor). Relate brevemente como se deu tal(is) escolha(s):

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

7. Qual (ou quais) os critérios para a escolha dos livros infantis que você utiliza(ou) durante a mini-prática ou em outras práticas em sala de aula?

**(Marque uma sentença apenas, aquela que mais caracteriza a sua escolha).**

Escolho livros...

- de autores reconhecidos/ renomados.
- a partir de dicas de outros colegas.
- com assuntos que complementem outros temas trabalhados na sala de aula.
- que incentivem a imaginação dos alunos, independente de autores ou temas.
- por indicação da disciplina *Literatura e Educação*.
- de fácil acesso (biblioteca do professor e/ou da escola).
- que fizeram parte do meu repertório como aluna(o) nas séries iniciais.
- para motivar ou iniciar outros temas.
- outro: \_\_\_\_\_

8. Em qual(is) momento(s) o livro infantil está (esteve) presente na sua aula?

---



---



---



---

9. Para você, qual a importância da literatura infantil na sala de aula?

---



---



---

10. A súmula da disciplina de *Literatura e Educação* prevê a *formação do leitor*. O quê você considera essencial para a formação de uma criança leitora?

---



---



---

**III. VOCÊ, LEITOR(A):**

1. Defina o que é leitura para você:

---

---

---

---

2. Quais são as suas leituras, hoje?

---

---

---

---

3. Você se considera um leitor literário (de obras literárias - e não informativas como os livros técnicos)? Com que frequência lê este tipo de livro?

---

---

---

---

---

4. Que tempo você se dedica às outras leituras (jornais, revistas, livros técnicos, etc.)?

---

---

---

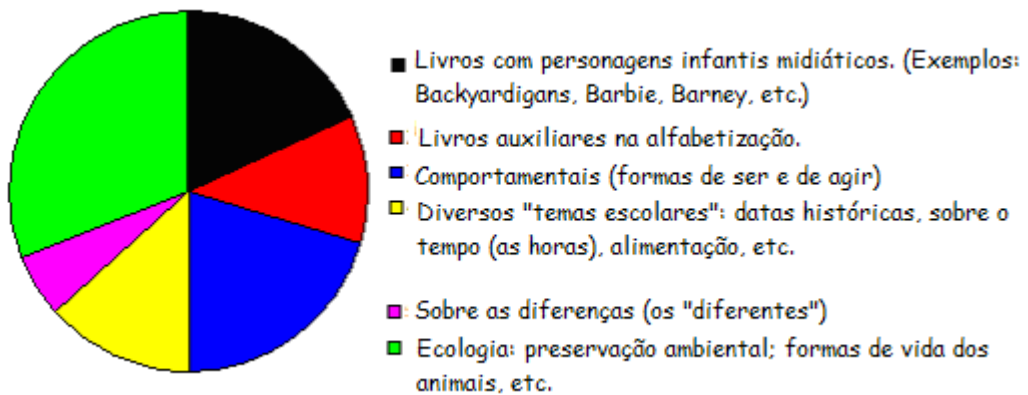
---

Obrigada!

### APÊNDICE C – “MAPA” DAS TENDÊNCIAS OBSERVADAS NO MERCADO EDITORIAL DE LIVROS INFANTIS ENTRE JANEIRO E SETEMBRO DE 2008<sup>20</sup>

Dos 1200 resumos dos livros analisados e comercializados por uma grande livraria da cidade de Porto Alegre, observa-se que, cerca de 60% deles, possuem um caráter deliberadamente pedagógico.

Dentre aqueles que claramente possuem um caráter *deliberadamente pedagógico*, os temas mais freqüentes são:



<sup>20</sup> O objetivo não foi classificar os livros exaustivamente, e sim, traçar um *perfil* dos temas mais freqüentes.

## ANEXO A – RESUMO DE LIVROS “CLÁSSICOS” USADOS NAS ESCOLAS

**Título:** *Menina Bonita do Laço de Fita*

**Autor:** Ana Maria Machado

**Resumo da obra publicado na web na edição de 2004:** O coelhinho branco quer ter uma filha pretinha como aquela menina do laço de fita. Mas ele não sabe como a menina herdou aquela cor.



**Título:** *Sopa de Letrinhas*

**Autor:** Teresa Noronha

**Resumo da obra publicado na web na edição de 2002:** Através de uma divertida história, que tem como ponto de partida o costumeiro conflito irmão mais velho/irmão mais novo, o texto vai revelando ao leitor o delicioso universo das letras e das palavras, além de mostrar que a determinação, a criatividade e sobretudo as iniciativas individuais contam muito na resolução de problemas. Este livro é um incentivo à criação de inúmeros jogos e brincadeiras lingüísticas, um apoio à discussão de questões ortográficas e um estímulo à ampliação do repertório vocabular.



**Título:** *O Menino que aprendeu a ver*

**Autor:** Ruth Rocha

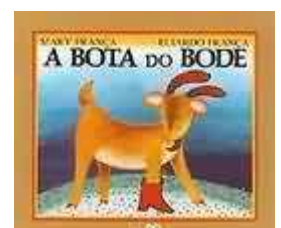
**Resumo da obra publicado na web:** O que João não entendia eram as palavras. Então chegou a hora de entrar na escola. À medida que aprendia, o espanto de João, em vez de diminuir, crescia! Ele viu primeiro a letra A das placas, faixas e revistas. Depois, a letra D. Quando João percebeu... Adivinhe o que aconteceu!



**Título:** *A Bota do Bode*

**Autor:** Mary França

**Resumo da obra publicado na web:** A bota não serve para o bode. Será que serve para o gato?



## ANEXO B - ALGUNS EXEMPLOS DE TÍTULOS DE LITERATURA INFANTIL PUBLICADA EM 2008 E OS RESUMOS

**Título:** *A Chuva e o Lixo*

**Autor:** Emmanuel Cavalcanti

**Editora:** ZIT Editora

**Resumo da obra publicado na web:** Hoje é muito comum que a criança tenha a iniciativa de *ensinar* aos adultos o que aprende na escola. São momentos bem diferentes dos que víamos há poucos anos, *quando apenas os adultos se colocavam como 'ensinantes'*. Assim nasceu a Coleção Criança Consciente, abordando temas de grande interesse para a sociedade atual, como a cidadania e os cuidados com o meio ambiente. Este é um livro para que os *educadores* leiam os textos para seus alunos e *realizem atividades práticas como encenações, desenhos, pinturas, jogos* etc. O próprio conteúdo de cada título sinaliza para a realização de tais propostas, sem grandes dificuldades operacionais. [*grifo meu*]



**Título:** *Bagunçado ou bem guardado?*

**Autor:** Luiza Meyer

**Editora:** Matrix Editora

**Resumo da obra publicado na web:** Esta é a história de Mariana, uma menina muito esperta, que adora brincar, mas que não está nem aí para onde deixa os brinquedos. E agora, o que a mãe da Mariana vai fazer para que ela *aprenda a se organizar* ainda mais cada momento das brincadeiras? [*grifo meu*]



**Título:** *As cores do arco-íris*

**Autor:** Jennifer Moore-Mallinos

**Editora:** IBEP Nacional

**Resumo da obra publicado na web:** O arco-íris tem várias cores, e uma é diferente da outra. *As pessoas são, de certa forma, como as cores do arco-íris, pois cada uma é única.* O formato dos olhos, a cor da pele e até os alimentos de que gostam mostram que são diferentes. Mas o importante é que são iguais em muitas coisas. Têm emoções, pensamentos, esperanças e sonhos. Sorriem quando felizes e choram quando tristes. *Se as pessoas do mundo todo se unissem e comemorassem suas diferenças, formariam um espetáculo maravilhoso;* um grande arco-íris. [*grifo meu*]



**Título:** *Conversa para pai dormir*

**Autor:** Ilan Brenman

**Editora:** Girafinha

**Resumo da obra publicado na web:** Conversa pra pai dormir traz um duelo de argumentações, onde *um pai tenta convencer sua filha a dormir em seu próprio quarto*. Mas ele não estava preparado para a insistência da menina e acaba se enrolando cada vez mais para explicar o óbvio; *que cada um deve dormir na sua própria cama*. [grifo meu]



**Título:** *Coisas de menina – Histórias que revelam o que é ser menina*

**Autor:** Ziraldo

**Editora:** Globo

**Resumo da obra publicado na web:** Desta vez, enquanto as garotas da Turma do Maluquinho *revelam a alma feminina* nas histórias em quadrinhos, *os meninos fazem uma pesquisa para descobrir o que é que as meninas têm..* [grifo meu]



**Título:** *Casamento da viúva*

**Autor:** Neusa Sorrenti

**Editora:** F. Franco

**Resumo da obra publicado na web:** *Você sabia que muita gente... e muito bicho acaba se casando de novo? Este livro nos fala sobre essa segunda chance de ser feliz*. Dá um pouquinho de mão-de-obra, mas, para se fazer uma nova escolha, é preciso ter paciência e vontade de acertar, como fez Felisberto. [grifo meu]



**Título:** *Cadê a força do leão?*

**Autor:** Alcides Goulart

**Editora:** Editora Jovem

**Resumo da obra publicado na web:** Uma floresta cheia de animais... e também cheia de problemas bagunça, desrespeito e vandalismo. Como mudar essa triste situação? O leão propõe uma reunião entre todos os animais. Mas os bichos, comodistas e preguiçosos, não estão dispostos a participar. Será que o leão vai ter de usar sua força para convencer a bicharada? Uma história capaz de provocar reflexões e gargalhadas.



**Título:** *Cada letra uma aventura*

**Autor:** Marilene Godinho

**Editora:** F. Franco

**Resumo da obra publicado na web:** De maneira lúdica, Marilene Godinho presenteia seus novos leitores com este livro que, com as ilustrações bem-humoradas de Alberto Pinto, *se torna um ótimo amigo para os que estão iniciando a aventura pelo mundo fantástico da leitura*. [grifo meu]





**Título:** *Contagem Regressiva*

**Autor:** Kay Woodward

**Editora:** Girafinha

**Resumo da obra publicado na web:** Está quase na hora da decolagem, mas cada astronauta deve se preparar corretamente - uniforme especial, sapatos espaciais, óculos de proteção galácticos, o co-piloto. Kay Woodward encanta os pequenos e grandes leitores com esta história, que além de introduzir os números de 1 a 10, divertirá a criançada numa gostosa leitura antes de dormir.



**Título:** *Rosa Vermelha e o Cravo Branco*

**Autor:** Martinho da Vila

**Editora:** Lazuli

**Resumo da obra publicado na web:** O que pouca gente sabe é que esse sambista, cantor e compositor de primeira linha é também escritor. Ele já tem oito obras literárias editadas, mas agora lança seu primeiro livro infantil. Chama-se "A Rosa Vermelha e o Cravo Branco" e traz a divertida história de Rosinha, uma garota amada por seus pais e que descobre que as escolas de samba são o maior barato. Ela também é politicamente correta e não canta "atirei o pau no gato", até porque morre de dó do gatinho.



**Título:** *As aventuras de Olavac*

**Autor:** Reury Frank Bacurau

**Editora:** Phorte Editora

**Resumo da obra publicado na web:** O livro 'As aventuras de Olavac' *mostra a relação entre os alimentos e a estrutura do corpo humano*. Olavac mora no planeta Frutax 6, cujos habitantes nunca se preocuparam em aprender como produzir alimentos ou qual o efeito deles do corpo. Porém, *milhões de anos sem preocupação com a ecologia levaram à redução dos alimentos obtidos na natureza*. É nesse contexto que Olavac vem à Terra para aprender quais alimentos os frutaxianos devem plantar a partir de agora.. [*grifo meu*]



## ANEXO C – TÍTULOS CITADOS NOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELAS ALUNAS DE PEDAGOGIA<sup>21</sup>

### **Título:** *Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha* (2002)

**Autor:** Ruth Rocha

**Editora:** Cia das Letrinhas

**Resumo da obra publicado na web:** Todas as crianças têm direito a um nome, uma casa, a comida e estudo. Mas também têm direito a ouvir histórias, andar na chuva e brincar de adivinhação - afinal, a infância é o tempo em que começamos a perceber o tamanho do mundo e descobrir quem somos. Inspirada nas idéias de igualdade universal - e também nas brincadeiras e emoções que só as crianças conhecem, Ruth Rocha escreveu um livro de poesia sobre aquilo que não pode faltar durante a infância.



### **Título:** *Azul e lindo planeta Terra, nossa casa* (2004)

**Autor:** Ruth Rocha

**Editora:** Salamandra

**Resumo da obra publicado na web:** Enfatizando a importância de cuidarmos bem de nosso planeta, com uma linguagem acessível e imagens significativas, os autores criaram esta bela obra que mostra para as crianças como agir para que a Terra não se transforme num ambiente hostil e impossível de viver, podendo proporcionar às pessoas a chance de viver num planeta azul e lindo!



### **Título:** *O negrinho do pastoreio* (2004)

**Autor:** Carlos Urbim; Rodrigo Rosa

**Editora:** Zero Hora

**Resumo da obra publicado na web:** Com linguagem acessível e belas ilustrações, a obra traz uma proposta original em seu tratamento editorial com esmerados recursos gráficos, resgata uma das histórias mais tradicionais do folclore gaúcho, baseada no texto clássico de Simões Lopes Neto, e a coloca como cenário principal para que também se conte outras lendas que fazem parte do imaginário popular no Rio Grande do Sul ( como as lendas da erva-mate, do umbu e de Sepé Tiarajú, entre outras). Com textos de Carlos Urbim e ilustrações de Rodrigo Rosa, a originalidade de 'O Negrinho do Pastoreio e outras lendas gaúchas' se revela também no projeto gráfico, que propõe uma relação interativa com o jovem leitor. São elementos gráficos, como dobras e efeitos especiais, que incentivam a criança a descobrir as histórias que saem de dentro da própria história principal.



<sup>21</sup> Que foram utilizados durante a semana de mini-prática.

**Título: *O sanduíche da Maricota* (2002)****Autor:** Avelino Guedes**Editora:** Moderna

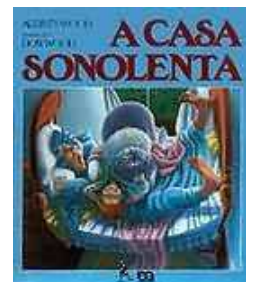
**Resumo da obra publicado na web:** A galinha Maricota só queria preparar um simples sanduíche com pão, milho, quirera e ovo. Quando se preparava para se deliciar com o seu lanche, começou a confusão. Primeiro foi o bode Serafim, que colocou capim na refeição. Depois foi a vez do gato que, sem pedir licença, meteu uma sardinha no pão. João, como bom cachorro, disse que sem osso o petisco não teria gosto bom. Não satisfeita, Maricota ainda teve que aguentar a intromissão da abelha que, agitada, pôs mel no sanduíche. Da janela, ouvindo o papo, o macaco aumentou a bagunça e colocou uma banana no lanche da galinha. Para piorar as coisas o rato logo se apressou em colocar uma fatia de queijo e a raposa falou coisa pior; faltava uma galinha! Maricota ficou brava, colocou os bichos pra correr, jogou fora o motivo de tanta discussão e começou tudo de novo, dessa vez do jeito dela.

**Título: *O grande rabanete* (1999)****Autor:** Tatiana Belinky**Editora:** Moderna

**Resumo da obra publicado na web:** A história, de enredo simples, tem como atrativo principal a forma - é narrada como um conto cumulativo forma que encanta e diverte a garotada, além de representar um excelente treino de memória. As frases simples, são bastante adequadas aos que se iniciam na leitura, o que não quer dizer que sejam pobres; servem-se de recursos originais, como a repetição; o rabanete cresceu-cresceu e ficou grande-grande. Além do aspecto lingüístico, é possível explorar, por meio da narrativa, o lado humano - a questão da solidariedade, da cooperação, da divisão de bens e até da auto-estima exacerbada, aspecto representado pelo ratinho, no bem-humorado e imprevisto final.

**Título: *A Casa Sonolenta* (1996)****Autor:** Audrey e Don Wood**Editora:** Ática

**Resumo da obra publicado na web:** Era uma casa sonolenta, onde todos viviam dormindo. Quem diria que uma simples pulguinha saltitante pudesse acabar com tudo aquilo num só instante!

**Título: *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias* (1999)****Autor:** Ruth Rocha**Editora:** Salamandra

**Resumo da obra publicado na web:** Este livro é uma das obras-primas da literatura infanto-juvenil. A autora inova a maneira tradicional de contar histórias, mostrando situações reais do cotidiano. Os personagens dos três contos que compõem este livro são crianças que vivem no espaço urbano. Elas resolvem seus impasses com muita esperteza e vivacidade; Marcelo cria palavras novas, Teresinha e Gabriela descobrem a identidade na diferença e Carlos Alberto compreende a importância da amizade.

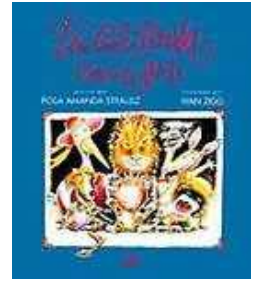


**Título:** *Uma família parecida com a da gente* (1998)

**Autor:** Rosa Amanda Strusz

**Editora:** Ática

**Resumo da obra publicado na web:** 'Cada bicho tem uma família diferente. Nesse ponto, eles se parecem com a gente.' O livro compara formas de organização familiar dos animais com as dos seres humanos.



**Título:** *Armazém do Folclore* (2000)

**Autor:** Ricardo Azevedo

**Editora:** Ática

**Resumo da obra publicado na web:** 'Riquíssimo depósito de conhecimento humano a respeito da vida e do mundo...', assim Ricardo Azevedo resume o universo de contos, ditados, quadras, brincadeiras com palavras, adivinhas e outras manifestações da cultura do povo brasileiro, a fonte e a raiz de todos os textos do 'Armazém do Folclore'. Com linguagem transparente e iconografia de rara beleza, este livro dá continuidade ao trabalho de pesquisa que Ricardo vem desenvolvendo desde 1986 e que culminou com o sucesso da obra Meu livro de folclore.



**Título:** *Dezenove poemas desengonçados* (1999)

**Autor:** Ricardo Azevedo

**Editora:** Ática

**Resumo da obra publicado na web:** Poemas, trovas e adivinhas brincam com as palavras, com o universo infantil. E também convidam as crianças à reflexão sobre importantes assuntos.



**Título:** *A verdadeira história dos três porquinhos* (2005)

**Autor:** Jon Scieszka

**Editora:** Cia das Letrinhas

**Resumo da obra publicado na web:** Será que a história dos três porquinhos ocorreu daquele jeito mesmo? Dando a palavra ao lobo, que naturalmente narra os acontecimentos do seu ponto de vista, Jon Scieszka consegue reforçar a 'veracidade' da história original, contar uma história nova e engraçada e dar às crianças a oportunidade para demonstrar que compreendem muito bem as coisas.



**Título:** *A Caixa Maluca* (2004)

**Autor:** Flávia Muniz

**Editora:** Moderna

**Resumo da obra publicado na web:** É uma história bem movimentada, protagonizada por divertidos animais, e que prende a atenção do leitor pela curiosidade - O que será que tem na caixa? Quem ficará com ela? Os bichos falam em rimas, o que, além de ser um estímulo para a leitura, pode abrir uma brecha para um criativo trabalho de escrita.



**Título:** *Mais respeito, eu sou criança* (2002)

**Autor:** Pedro Bandeira

**Editora:** Girassol

**Resumo da obra publicado na web:** Esta antologia é dividida em três partes - 'Eu comigo mesmo', em que a criança filosofa sobre seu próprio comportamento e sentimentos; 'Eu e os outros', em que ela fala de suas relações com os que a rodeiam, o pai, a mãe, o gatinho, o vizinho; e 'Eu e o que penso', em que diz o que pensa sobre uma série de assuntos importantes para ela - os dois lados da minhoca, os números, as letras. Todos esses poemas, além de incentivarem um processo de criação artística, propiciam um profícuo debate sobre temas significativos para todos - o erro, o preconceito, a questão da identidade, das expectativas com o futuro, os sonhos e muitos outros.

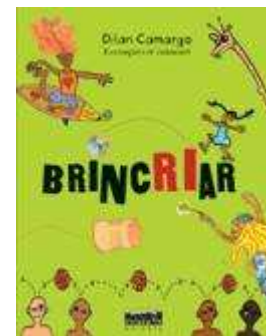


**Título:** *Brinciar* (2007)

**Autor:** Dilan Camargo

**Editora:** Projeto

**Resumo da obra publicado na web:** O autor de 'O vampiro Argemiro' e 'Bamboletras' está de volta com novos poemas. Quem quer brincar de 'Ovo choco', 'Esconde-esconde', 'Telefone sem fio' ou de 'Cabra cega'? Quem quer conhecer a 'Bruxa Carocha' e a 'Fada Mafalda'? Com sua poesia, Dilan convida a criançada para brincar, para rir e para criar! As brincadeiras do poeta ficam ainda mais divertidas com as ilustrações de João Caré, que faz sua estréia como ilustrador.



**Título:** *A Bruxinha Atrapalhada* (2007)

**Autor:** Eva Furnari

**Editora:** Global

**Resumo da obra publicado na web:** Neste livro, sem a utilização de palavras, só imagens, a autora cria uma bruxinha atrapalhada que pode realizar seus desejos com a ajuda de uma varinha mágica, sofrendo as mais inusitadas conseqüências. O livro é formado por dez historinhas. Em algumas, a bruxinha alcança um final feliz; em outra, a bruxinha não é tão feliz em suas mágicas. O bom humor está presente em todas as historinhas, e as imagens possibilitam ao leitor criar seus próprios diálogos.



**Título:** *Lili Inventa o Mundo* (2005)

**Autor:** Mario Quintana

**Editora:** Global

**Resumo da obra publicado na web:** Uma ruazinha simples, as estações do ano, criaturas do jardim, o sol na China, café com leite compartilhado... O olhar sensível do poeta segue as descobertas e afirmações da menina Lili, e as coisas de todo dia ganham sentido, brilho, beleza. Uma beleza às vezes triste, mas sempre abrindo espaço para a esperança.



**Título:** *O castor jardineiro* (2006)

**Autor:** Lars Klinting

**Editora:** Callis

**Resumo da obra publicado na web:** Bruno, o Castor, adora jardinagem. Alguns grãos de feijão, dois vasos, um pouco de terra, água e uma pitadinha de paciência é tudo o que ele precisa para se divertir e para fazer uma deliciosa refeição.



**Título:** *Declaração Universal dos direitos Humanos* (2004)

**Autor:** Ruth Rocha

**Editora:** Salamandra

**Resumo da obra publicado na web:** O maior acordo de convivência entre os povos foi adaptado para que as crianças entendam, desde cedo, que para a humanidade progredir é necessário que haja paz, respeito, amor e igualdade. Este documento, firmado por representantes de diversos países, logo após os horrores da Segunda Guerra Mundial, é um símbolo do sonho de liberdade, alimentado pelos 'homens e mulheres de boa vontade' que sempre existiram, existem e existirão neste planeta que chamamos Terra.



**Título:** *Viviana – Rainha do Pijama* (2006)

**Autor:** Steve Webb

**Editora:** Salamandra

**Resumo da obra publicado na web:** Viviana adora animais e se pergunta o que eles vestem quando vão dormir. Então, ela os convida para a Festa mundial do pijama! Com um texto divertido e abas simples, que revelam o pijama maluco de cada animal, este livro é uma alegria para a hora de dormir.



**Coleção quem tem medo?**

**Títulos:** *Quem tem medo de dizer não?* (2002); *Quem tem medo do ridículo?* (2001); *Quem tem medo do novo?*(2008); *Quem tem medo de cachorro?* (2002); *Quem tem medo de monstro?* (2001); *Quem tem medo de quê?* (2003);

**Autor:** Ruth Rocha

**Editora:** Global

**Resumo da obra publicado na web do Quem tem medo do novo?** Medo do novo. Mudanças, desde as simples, na maioria das vezes, exigem disposição, coragem. Situações novas sempre assustam. Mudar de casa, mudar de rua, mudar de turma, mudar de escola, mudar de hábito e tantas outras mudanças. Quem tem medo de provar um prato que nunca comeu? E pensar. Será que isso é bife de gato? Quem tem medo de cortar o cabelo e ficar com cara de pesadelo? Quem é que tem medo de aprender inglês, aprender a nadar ou a falar francês? Contém ilustrações.

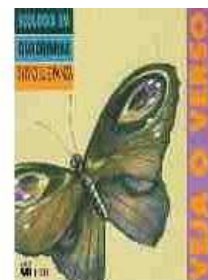


**Título:** *Veja o verso* (1997)

**Autor:** Sylvio Luiz Panza

**Editora:** FTD

**Resumo da obra publicado na web:** O título *Veja o verso* é uma expressão com dois sentidos; a) Leia as quadrinhas escritas com métrica e rima b)Veja a outra face da página (frente e verso). A intenção é que as crianças, ao lerem ou declamarem os versinhos, sejam ajudadas a ver além das palavras. A ver o que está por trás delas. Ou seja, a ter compromisso com a natureza. No verso, isto é, além das palavras, está igualmente a possibilidade de explicar para os alunos algumas idéias de Ecologia.



**Título: *Rita sapeca e a lição de casa* (2006)****Autor:** Schmurl**Editora:** Larousse/Escola**Resumo da obra publicado na web:** Rita Sapeca tem uma lição de casa - levar para a escola um pequeno animal do jardim. Que animal escolher? Uma formiga? Não sou muito amiga...Um caramujo? Bicho tão sujo...Uma minhoca? Muito boboca!**Título: *Rolim* (2001)****Autor:** Ziraldo**Editora:** Melhoramentos**Resumo da obra publicado na web:** Rolim era um umbigo bem redondo e enroscado, que vivia no meio de uma linda barriguinha e se julgava o centro do mundo. Adorava os banhos de mar e, quando lhe perguntaram o que queria ser quando seu corpo crescesse, ele sabia bem o que responder.**Título: *O Joelho Juvenal* (2001)****Autor:** Ziraldo**Editora:** Melhoramentos**Resumo da obra publicado na web:** Editado pela primeira vez em 1983. Assim como os outros livros da coleção, irreverentemente, descreve a vida de uma parte do corpo; nesse caso: o Joelho Juvenal**Título: *O equilibrista* (1998)****Autor:** Fernanda Lopes de Almeida**Editora:** Ática**Resumo da obra publicado na web:** A vida de um equilibrista está sempre por um fio. Tentando se manter sobre esse fio chamado 'vida', ele vai construindo sua trajetória.**Título: *A Margarida Friorenta* (1998)****Autor:** Fernanda Lopes de Almeida**Editora:** Ática**Resumo da obra publicado na web:** Existem muitos tipos de frio, e o pior talvez seja aquele que nasce da falta de carinho. Seria esse o que a pequena margarida sentia?**Título: *Saco de Brinquedos* (1997)****Autor:** Carlos Urbim**Editora:** Projeto**Resumo da obra publicado na web:** Do dedo, primeiro brinquedo, aos clássicos trem de lata, barco de papel, cinco marias e perna de pau, o poeta cria versos divertidos sobre a arte de brincar, reconstruindo com simplicidade e muita beleza um rico imaginário. As ilustrações – objetos modelados em argila – complementam a idéia proposta pelo autor de forma muito harmoniosa.

**Título:** *Serafina e a criança que trabalha* (2005)

**Autor:** Jô Azevedo; Iolanda Husak; Cristina Porto

**Editora:** Ática

**Resumo da obra publicado na web:** A criança que trabalha em vez de estudar e brincar não só perde a infância como também a chance de um futuro melhor. Este livro foi escrito para informar as próprias crianças sobre o grave problema do trabalho infantil. A dura realidade das crianças que trabalham é mostrada com muito respeito pela personagem Serafina.



**Título:** *Menina Bonita do Laço de Fita* (2004)

**Autor:** Ana Maria Machado

**Editora:** Ática

**Resumo da obra publicado na web:** O coelhinho branco quer ter uma filha pretinha como aquela menina do laço de fita. Mas ele não sabe como a menina herdou aquela cor.

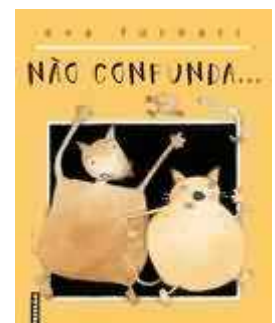


**Título:** *Não confunda* (2002)

**Autor:** Eva Furnari

**Editora:** Moderna

**Resumo da obra publicado na web:** Na linha dos textos curtos, complementados pelas imagens, Eva Furnari propõe várias confusões, baseadas na semelhança de sons das palavras. Soa propostas hilariantes, na esteira de uma brincadeira tradicional, hoje talvez pouco conhecida pelas crianças (não confunda isto com aquilo) mas nem por isso menos estimulante e prazerosa. Além de serem divertidos, os textos ajudam o leitor iniciante a se conscientizar de particularidades ortográficas e funcionam como um preparo para leituras mais longas e complexas.

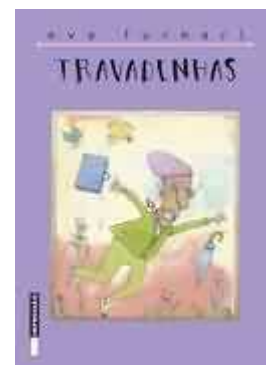


**Título:** *Travadinhas* (2004)

**Autor:** Eva Furnari

**Editora:** Moderna

**Resumo da obra publicado na web:** Como diz a própria Eva; Esse é um livro de trava línguas. Será que você consegue ler cada um deles bem depressa sem se atrapalhar? Para compor essas 'travadinhas', a autora inspirou-se na tradicional brincadeira dos trava-linguas; composições verbais cuja repetição de sons provoca dificuldades ao serem faladas em voz alta. Isso torna o texto, além de desafiador, muito engraçado e prazeroso para as crianças. Assim, brincando, pode ser possível tornar mais claras muitas questões ortográficas, sem falar no treino da dicção e no estímulo para a criação de novas travadinhas. As ilustrações, originais e divertidas, casam perfeitamente com o texto, ajudando o leitor a interagir com o texto.



**Título:** *Qual é a cor do amor?* (2005)

**Autor:** David Wojtowycz; Linda Strachan

**Editora:** Brinque Book

**Resumo da obra publicado na web:** O elefantinho cinzento tinha uma dúvida - qual seria a cor do amor? Curioso, perguntou para o avô, para a zebra e para todos os outros animais que encontrava pelo caminho. O dia acabou e o elefantinho cinzento não resolveu a questão. Mas tinha alguém para quem ele ainda não havia perguntado. Qual é a Cor do Amor? apresenta as cores de maneira divertida às crianças. O verde da grama, o azul do céu, o amarelo do sol são algumas das pistas para que o elefantinho cinzento faça a sua descoberta.



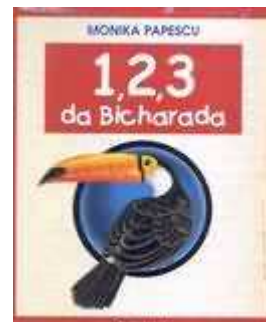


**Título:** *1, 2, 3 da bicharada* (2002)

**Autor:** Monika Papesku

**Editora:** Studio Nobel

**Resumo da obra publicado na web:** O livro auxilia no processo de maturação do pequeno leitor ao perceber a seqüência e a lógica da formação dos números. Apresenta-se para cada número o desenho divertido de um bicho juntamente com uma pergunta, cuja resposta será encontrada no final do livro.



**Título:** *A Velhinha que dava nome às coisas* (1997)

**Autor:** Cynthia Rylant

**Editora:** Brinque Book

**Resumo da obra publicado na web:** Era uma vez uma velhinha que já não tinha nenhum amigo, pois todos eles haviam morrido. Por isso, ela começou a dar nome às coisas que durariam mais que ela - sua casa, seu carro, sua poltrona. Até o dia em que um cachorrinho apareceu no seu portão. Então, a velhinha acaba dando um nome ao cachorrinho, mesmo correndo o risco de sobreviver a ele. A autora trata sutilmente de solidão e perda. As bonitas ilustrações, em aquarela de traço firme, imprimem graça e leveza ao texto.



**Título:** *A gota borralheira* (1997)

**Autor:** Nair de Medeiros Barbosa; Geraldo Julião dos Santos

**Editora:** Saraiva

**Resumo da obra publicado na web:** Conta a história de Cris Talina, uma gota que vivia no meio da floresta, no Reino das Águas Claras e se vê no meio do esgoto de uma grande cidade.



**Título:** *O jogo de não jogar* (1994)

**Autor:** Julieta de Godoy Ladeira

**Editora:** Atual Editora

**Resumo da obra publicado na web:** O livro auxilia no processo de maturação do pequeno leitor ao perceber a seqüência e a lógica da formação dos números. Apresenta-se para cada número o desenho divertido de um bicho juntamente com uma pergunta, cuja resposta será encontrada no final do livro.



Outros livros citados pelas alunas entrevistadas (*resumos não encontrados na web*)

\* *Homero*, de Leila Cassol;

\* Contos de fadas moderno (foram citados 2 histórias sobre Chapeuzinho Vermelho, mas a aluna não identificou o título e autor)

\* Contos de fadas clássicos (uma aluna citou que utilizou contos dos irmãos Grim)

\* *Histórias da Bruxa Onilda*;

\* *O barquinho*, de Alina Pearlman;

\* *Lixo que não é lixo*, de Sylvio Barreto.

**ANEXO D - A CHÁCARA DO CHICO BOLACHA, DE CECÍLIA MEIRELES**

NA CHÁCARA DO CHICO BOLACHA,  
QUE SE PROCURA  
NUNCA SE ACHA  
QUANDO CHOVE MUITO  
CHICO BRINCA DE BARCO,  
PORQUE A CHÁCARA VIRA CHARCO  
QUANDO CHOVE NADA,  
CHICO TRABALHA COM A ENXADA  
E LOGO SE MACHUCA  
E FICA DE MÃO INCHADA.  
POR ISSO, COM CHICO BOLACHA  
QUE SE PROCURA NUNCA SE ACHA.  
DIZEM QUE A CHÁCARA DO CHICO  
SÓ TEM CHUCHU  
E UM CACHORRO COXO  
QUE SE CHAMA CAXAMBU.  
OUTRAS COISAS, NINGUÉM PROCURE,  
PORQUE NÃO SE ACHA.  
COITADO DO CHICO BOLACHA

## ANEXO E – RESPOSTA AO E-MAIL QUE FAZ CRÍTICA ÀS MÚSICAS INFANTIS DO FOLCLORE BRASILEIRO

Estimados colegas

Tem circulado por todo o país a carta de uma *babá brasileira*, que estuda nos Estados Unidos, criticando as canções infantis do nosso folclore. Inicialmente não dei importância, mas como já recebi pelo menos quatro, resolvi escrever o que penso a respeito. Para compreender o teor da minha resposta, se você não leu a tal carta, por favor, leia! (está em anexo)

A *babá* (anônima) faz conclusões apressadas sobre a situação brasileira. Não sabe o que é folclore, nem compreende a complexidade dos fatos que compõem as sociedades. Seus argumentos são diretos e simples, do tipo causa e efeito e pretendem explicar a natureza do *self* do povo brasileiro.

“*Descobri toda a origem dos problemas do Brasil*” – diz ela. Segundo suas observações sobre as canções de ninar dos Estados Unidos, não haveria por lá sentimento algum que não fosse a bondade, doçura e paz. Quanta ingenuidade!

Contrapondo com a nossa “Boi da cara preta”, cita na carta o exemplo de uma canção americana:

“Boa noite, linda menina, durma bem.  
Sonhos doces venham para você,  
Sonhos doces por toda noite”.

Observem! Eu também posso pensar mal dessa canção americana, dizendo que ela é egoísta e que os “doces sonhos” instigam os americanos ao poder sem limites; que a letra trabalha o inconsciente da criança fazendo com que ela se outorgue o direito de impor *doces sonhos* a todas as crianças do planeta. Um perigo para a paz mundial!

O que é bom aos nossos olhos, pode não ser um valor para os outros. Os jornais estão cheios de notícias sobre a imposição unilateral de valores.

A *babá estudante* assimilou a nova pátria desdenhando nossas raízes. E sente vergonha do *bovino de cara negra que poderá assustar a cândida menina que tem medo até de careta?* Que distorção! A “cândida menina” que tem medo de careta é a nossa menina brasileira, a letra refere-se ao nosso folclore. A menina americana tem outros medos e, com certeza, muito próximos de suas vivências e traumas sociais. Quem dera fosse medo da *cuca*!

As melodias do nosso folclore infantil são belíssimas! Poucos países possuem uma extensão tão ampla de notas e uma progressão harmônica tão rica. Com contornos melódicos tão rebuscados, não é qualquer pianinho de brinquedo que pode reproduzir “Nesta rua tem um bosque”, nem “Pai Francisco entrou na roda”.

As letras das canções folclóricas retratam a cultura de um povo. São sempre dinâmicas e funcionais, cumprindo o papel de satisfazer as necessidades afetivas, intelectuais, morais, sociais ou de expressão religiosa. As crianças brincam com as canções e através delas entram no universo dos códigos sociais — queiramos ou não! A análise da cantiga “Atirei um Pau no Gato” é maldosa, pois omite a presença de um sentimento moral representado na figura de *Dona Chica*, que reprova com seu espanto; e pela ressalva *mas o gato não morreu...* Muito melhor

sublimar pela canção do que realizar o ato concretamente. Além disso, tive a curiosidade de perguntar no hospital veterinário se baixava muito animalzinho maltratado por criança – gato, por exemplo. A resposta foi “não”, pelo contrário, muitas vezes são as crianças que mobilizam seus pais a tratarem bem os bichinhos.

Sim, estamos todos preocupados com a violência. Então, algumas escolas resolvem “imprimir” respeito ao meio ambiente e trocam a letra por *não atire o pau no gato tô tô, porque ele-le-le é bonzinho-nho...* Ou seja, para ensinar o respeito, desrespeitam a cultura infantil. Com certeza esses adultos não acreditam que os pequenos usufruem e produzem cultura como todos os seres humanos de todas as idades, em qualquer lugar do mundo. Há uma concepção de criança e de infância por aí, que anula a identidade das crianças, menosprezando seus medos e desprezando suas necessidades.

A criança precisa conviver com os elementos de sua cultura, a canção folclórica pode ser o grande meio de que dispõe para suportar certos fatos que vivencia. Seria muita ingenuidade modificar nossas canções para obter mudança na auto-estima dos brasileiros. Essa babá é um perigo, pessoa que pensa como ela não pode cuidar de criança, nem mesmo das crianças americanas.

Logo adiante, a *babá* critica outra canção brasileira. Desta vez é uma de influência francesa. Reparem a letra “*de marré de ci*”. Será que a *babá* ousaria dizer que os franceses têm baixa auto-estima?

Eu sou pobre, pobre, pobre,  
De marré, marré, marré.  
Eu sou pobre, pobre, pobre,  
De marré de ci.

A criança projeta em versos o cotidiano que vivencia, porque precisa compreender o mundo que a cerca. Não há sadismo no que faz, mas sim o exercício que lhe permite superar suas angústias. A criança é um ser inteligente, *coloca a realidade tão vergonhosa da desigualdade social em versos* – como critica a *babá*. O que passa despercebido nessa análise é que a canção também pode ser uma forma de protesto. Aliás, temos bons exemplos na história brasileira de canções utilizadas com esse propósito. Por que a *babá* não criticou a última frase: *minhas filhas eu não dou, nem por ouro nem por prata, nem por sangue da lagarta?* Ela saberia, então, que o Brasil nunca quis exportar suas filhas para países distantes.

A referência feita ao *bitu* é um engano. *Bitu* não é uma pessoa, também não é o nome de criança; ninguém está ameaçando alguém com essa canção. Trata-se de uma entidade fantástica que há algum tempo atrás metia medo nas criancinhas. As crianças, em todos os países, imaginam monstros e fantasmas: em Portugal o *bicho papão*, na Espanha *coca* ou *coco*, no Brasil *cuca*, *bitu*, *tutu marambá*, *bruxa* e outros. As crianças dos Estados Unidos devem ter lá seus fantasmas também.

Nossa música folclórica, assim como as palavras da nossa língua, têm história e assimilação popular que lhes imprime significado. Enquanto a letra fala dos medos infantis, nós adultos oferecemos proteção e carinho na entonação característica das “cantigas de berço”, acalantos ou canções de ninar. A criança dorme tranqüila e crê que o canto afugenta o bicho papão! Os adultos também acreditam no poder mágico da música e cantam para afugentar maus espíritos, para esquecer ou

lembrar de alguém. Somos seres simbólicos: música, linguagem e cultura nos separam de outros animais.

Na década de 70, cogitou-se proibir que cantássemos a canção “Marcha soldado”. Não por inspirar autoritarismo como sugere a *babá*, mas sim devido a letra antipatriótica, por dizer que o soldado tem “cabeça de papel”. A idéia não vingou, felizmente!

Mas não é interessante? De um lado, a tese da *babá* é de que a canção “Marcha Soldado” é a destruição da liberdade, um autoritarismo disfarçado; de outro, o regime militar vê na mesma canção uma forma de protesto, uma provocação ao bem estar social e um desacato à autoridade. Uma canção servindo a dois senhores. Essa é demais!

Se ficarmos *psicologizando* tudo, não vamos criticar apenas as canções infantis, mas também os brinquedos de apertar que damos aos bebês, porque despertam instintos sádicos; a bola porque predispõe à violência; e a boneca porque impõe questões de gênero... não é mesmo?

Agora vejamos como nosso folclore permite a interação com valores afetivos e morais:

Sete e sete são catorze,  
Com mais sete vinte e um  
Tenho sete namorados  
E só posso casar com um.

A tal *babá* lamenta que ouviu por toda a sua infância “*tenho sete namorados*”... quando o valor moral da canção encontra-se um pouquinho mais adiante “*e só posso casar com um*”. Foi uma análise parcial e tendenciosa. Provavelmente é por isso ela se questiona e grita: *Desgraça! Desgraça! Como crescer e acreditar no amor e no casamento depois de ouvir essa passagem anos a fio?*

Pois para compreender melhor as relações humanas, a *babá* deveria ter cantado mais esta canção aqui:

O anel que tu me deste era vidro e se quebrou  
O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou.

Olha, nem vou defender Samba lelê, porque o mundo inteiro admira e quer saber como conseguimos “quebrar” o corpo para fazer o molejo do samba. É um jeito muito nosso, os estrangeiros não aprendem, nem com 18 lambas!

A letra da canção *Cai, cai balão* fala de um desejo infantil “*cai aqui na minha mão*”. Sem maldade, a menina quer pegar o balão, assim como também pensa que pode pegar o avião que está lá no céu. “Suicida?” Suicidas são os pensamentos depressivos dessa *babá*, que condena e quer aniquilar o nosso folclore.

Atacar o folclore é covardia! Não podemos fazer de conta que não temos história. Fazer-nos sentir vergonha da nossa história — isso sim é crueldade!

Valorizar o que é nosso fará um bem enorme para auto-estima das nossas crianças, porque possibilita a construção de sua identidade cultural.